

## MAIS DUAS EFEMÉRIDES MUSICAIS

Além do tricentenário de Telemann, a que já se fez referência, o mundo musical comemora no corrente ano dois expressivos centenários: o da morte de Mussorgsky e o do nascimento de Bela Bartok. O fato do húngaro ter nascido no mesmo ano em que morria o russo vale como um símbolo, pois há entre os dois profunda afinidade. Ambos são figuras exponenciais do nacionalismo musical que caracterizou a segunda metade do século passado e o início do atual, responsável pelo surgimento em numerosos países de verdadeiras “escolas”, cujos componentes, deixando de lado o universalismo das formas românticas, foram buscar no fundo da alma de sua terra e sua gente as fontes de inspiração para suas obras musicais. A começar pelo folclore e pelo vasto mundo das canções populares, que Bartok especialmente soube valorizar ao máximo, numa linha de idéias muito semelhante à de Vila Lobos no Brasil, à de Copland nos Estados Unidos, de Manuel de Falla na Espanha, de Britten na Inglaterra, entre outros exemplos.

Mussorgsky pertenceu ao chamado “Grupo dos Cinco”, de tanta significação na História da Música. Não foi dos que mais escreveram, mas sua obra se reveste de uma profundidade que não encontramos nos demais componentes do grupo. É o autor das duas maiores óperas russas — **Boris Godunov** e **Khovantchina** — e de outras menos importantes, como **O Casamento** e a **Feira de Sorochinsky**. Deixou, ainda, os **Cantos e Danças da Morte**, a série **Quadros de uma Exposição**, além de páginas orquestrais menores. Do repertório russo, **Boris** continua sendo a ópera mais representada em todo o mundo, figurando no programa de todos os grandes baixos, desde Chaliapin. Da mesma forma que os **Quadros** figuram no repertório de todos os grandes pianistas.

Já Bela Bartok deixou obra imensa, na qual se encontram quase todas as formas de composição, tanto instrumental como orquestral e vocal. Destacam-se: três concertos para piano e orquestra, dois para violino e orquestra, um para orquestra, um para dois pianos, percussão e orquestra, o bailado **O Mandarin Miraculoso**, a **Música para cordas, celesta e percussão**, o **Divertimento para cordas**, a **Cantata Profana**, seis quartetos de cordas, sonatas para piano e para violino, suítes de danças, fantasias, a ópera **O Castelo de Barba Azul**, os **Cantos populares húngaros**, os improvisos sobre canções populares e as duas monumentais séries para piano: **Para Crianças**, constituída de oitenta e cinco peças divididas em quatro livros, e **Microcosmos**, maior ainda, pois compõe-se de cento e cinquenta e três peças, em seis séries.

Nas peças para piano, nas suítes de danças e nas peças inspiradas em canções populares é onde se encontra o Bela Bartok nacionalista, pesquisador de temas folclóricos, não só de seu país, mas de toda a região

balcânica, obra pela qual o compositor vinculou seu nome definitivamente ao nacionalismo musical, como dos maiores compositores de todos os tempos. Ocorre-me à memória um fato curioso. Costuma-se, em história da música, falar nos três grandes “Bês”, que seriam Bach, Beethoven e Brahms; pois bem: uma gravadora, certa vez, anunciando o lançamento de um disco com obras de Bela Bartok, o que achou de melhor para chamar a atenção dos interessados foi esta frase: “Bartok também se escreve com B...” (ONM)

\*

### NOSSO CENTÉSIMO NÚMERO

Fato realmente desvanecedor para todos nós do Departamento de História da PUC de Campinas foi a excelente receptividade alcançada em todo o País pelo centésimo número de nossa publicação. Além de amplo registro da imprensa de Campinas e de São Paulo e das numerosas cartas e telegramas que recebemos dos mais diversos lugares e ainda de manifestações de entidades várias, inclusive dos Legislativos campineiro e paulistano, numerosas associações culturais tanto de Campinas como de São Paulo congregaram-se para uma homenagem especial ao responsável pela NBH e que constou de um grande jantar na noite de 29 de abril. Cerca de um mês antes, o Instituto de Ciências Humanas, no qual se insere o Departamento de História, prestou também significativa homenagem ao editor da revista. Dentre os muitos escritos na imprensa sobre o acontecimento que representou a edição de nosso centésimo número, queremos destacar os de B. Barbosa Pupo (“Correio Popular”), J. R. do Amaral Lapa (idem), Mário Pires (“Diário do Povo”), Roberto Machado Carvalho (“A Voz de Itu”), Galvão Bueno de Trigueirinho (“Diário Popular”), Tavares de Miranda (“Folha de São Paulo”), A. Melo Junior (“A Voz do Vale do Paraíba”, de Taubaté), e Henrique Furtado Portugal (“Diário Mercantil”, de Juiz de Fora.)

Para a grande festa do dia 29 de abril, na qual coube ao Acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho, Presidente da Academia Paulista de História, proferir o discurso de saudação, congregaram-se as seguintes entidades: de Campinas, Sociedade dos Amigos da Cidade, Academia Campinense de Letras, Associação Campineira de Imprensa, Associação de Educação do Homem de Amanhã, Centro de Ciências, Letras e Artes, Sociedade Cultural de Campinas, Clube dos 21 Irmãos-Amigos, Centro de Poesia e Arte, Clube dos Poetas e Associação dos Veteranos de 32—MMDC; de São Paulo: Academia Paulista de Letras, Academia Paulista de História e Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Da Capital, três outras entidades, embora sem participação na homenagem do dia 29 de abril, manifestaram-se a propósito do evento através de moções de louvor: a

Academia Paulista de Jornalismo, a Academia Paulista de Educação e a Ordem dos Velhos Jornalistas.

Dias após a bela festa, o responsável pela NBH fez publicar no “Correio Popular”, de Campinas, o agradecimento que aqui se transcreve:

### Público Agradecimento

Quando cerca de vinte entidades, das mais representativas da vida cultural de Campinas e de São Paulo, e aproximadamente cento e cinquenta pessoas, também das mais representativas da cultura e da sociedade das duas cidades, reúnem-se numa bela festa para celebrar o aparecimento do centésimo número de uma revista, modesta na apresentação e restrita no seu âmbito de interesse, isto deve ser interpretado menos como homenagem ao responsável pela publicação do que a esta própria, num público reconhecimento do que ela representa, não apenas para a Universidade que a patrocina, mas para a própria cidade de Campinas, que, desta forma, vê seu nome inscrito nos anais do periodismo historiográfico do País.

A circunstância de ser o responsável pela **Notícia Bibliográfica e Histórica** o mesmo rabisgador que todas as sextas-feiras comparece a este cantinho de nosso tradicional e glorioso “Correio Popular”, coloca-o muito à vontade para externar de público seu agradecimento às entidades e pessoas que se conjugaram para a bela festa do dia 29 de abril.

No prefácio que escreveu para o centésimo número da NBH ( sigla pela qual a **Notícia** se tornou conhecida, inclusive em citações bibliográficas ), lembrou o Magnífico Reitor de nossa Universidade Católica que ele representa algo de muito significativo não só para a PUC e para a cidade de Campinas, mas para as próprias letras históricas nacionais. E isto pode ser plenamente comprovado pelas manifestações de inúmeras entidades culturais do País, que, através de moções honrosas e expressivas, fizeram registrar em suas atas a simpatia pela modesta publicação campineira.

Ao seu editor e diretor, tudo isso que de maravilhoso aconteceu a propósito dos cem números da NBH, impõe não apenas um estímulo, mas o dever de continuar e procurar melhorar, para que a revista que há doze anos surgia praticamente “intra muros”, apenas para distribuição a estudantes e a algumas pessoas amigas, mas que, com o tempo, alcançou excelente receptividade em todo o País e mesmo no exterior, possa ser, de fato, uma expressão real de nossa Universidade Católica, através de seu Departamento de História.

O que seu diretor sentiu, na bela festa do dia 29 de abril, foi o reconhecimento, não apenas da Universidade ( pois esta já se havia manifestado ), mas da própria cidade de Campinas, mesmo nas áreas não ligadas aos estudos históricos, num caloroso reconhecimento e aplauso por alguma coisa que a cidade sente que já lhe pertence. Esta, a coroação máxima de todo o nosso trabalho, a merecer a sincera gratidão que nestas linhas se encerra.

\*

\*

\*